*Coletânea de fantasia em temas clássicos*

***ANNIE***

CYBER APOCALIPSE

WARP DRIVE

VIAGEM ASTRAL

DARK MATTER

|  |  |
| --- | --- |
| *Autor / Roteiro*  **Rodrigo Groff** |  |
|  |  |

***Índice***

A **máquina** que vencia debates **1**

Falta roteiro passo a passo

O olho da **serpente** 3

Tem conceito, mas falta macro-roteiro e passo a passo

A última **guerra** de Karlgan **2**

Falta roteiro passo a passo

Annie

Falta roteiro passo a passo

Parte 1 4

Parte 2 4

Parte 3 4

Final 4

***A MÁQUINA QUE***

***VENCIA DEBATES***

***1***

*George Stingray / Harold Baker promovem duelo de ideias na sala dos professores. teses conflitantes sobre ética de pesquisa / resultados a curto e longo prazo.*

***2***

*Exibição de um submundo científico / George vendeu sua casa, carro, fez pesquisas científicas para extremistas, mas aprendeu sobre seus erros*

***3***

*A loucura do cientista e até onde foi em sua pesquisa / remove peruca e mostra implantes e diz que levou 4 anos para a máquina aprender como ele pensa, em sua própria rede neural, impulsos energéticos e bio-energias sutis (mostra livros satânicos) / mostra uma pílula experimental para facilitar a comunicação entre os dois lados do cérebro / perdeu seus cabelos mostra a peruca e sobrancelha de implante / usa aparelhos nos ouvidos que induzem a padrões teta necessários para manter a claridade de seus pensamentos. / castrou-se por que atrapalhava toda as sessões com pensamentos randômicos sobre sexo.*

***4***

*A visualização dos pensamentos usando oculos virtuais*

*Tese do planeta sobre heidegger em cima de formas pensamento*

***5***

*A recusa / dissonância cognitiva / a luta*

***6***

*O desaparecimento / o ressurgimento três semanas depois / sua mulher avisa do nariz sangrando*

***7***

*Ida ao banheiro / vê seu cabelo cair sem se assustar / desce de novo ao porão / vê o antigo cientista em uma maca com um respirador "Próxima vez menor dosagem em ..." / olha a carteira e a foto "Tenho de revisar meu estado civil" / ajusta um erro na máquina / "Não importa, eu aprendo com meus erros" e desliga o ventilador matando o outro, pouco a pouco enquanto a máquina continuava a calcular petabytes do novo cérebro.*

***8***

*Policial encontra montes de corpos, tenta destruir a máquina, espectro eletrico anima um antigo corpo / mata ele / sarcasmo final, e frieza sobre o dominio da terra sem ser descoberto / embaixo da terra um pod alien.*

***O OLHO DA***

***SERPENTE***

*Conceito*

*Historiador Hendricks Ulrich vai ao Nepal para testemunhar estranho ritual local (desafiado ao rejeitar livro de seu colega) e acaba envolvido em uma conspiração UFO / anjos e demônios. No Nepal, dois encantamentos no chão “seguram” um anjo e demônio, em uma cela espiritual (símbolo do infinito) por dez anos. Hendricks entrevista os dois, que falam todas as línguas que ele conhece e lhe apertam sobre todos os fatos de sua vida (?). Ele fica em um templo budista, onde os monges falam sobre as “serpentes” que trouxeram a iluminação e as trevas. Taxista (agente MIB) é quem o leva e traz da cidade para o templo. Lhe mostra fotos com data provando que os dois estão trancados na cela há mais de dez anos e que não envelheceram durante o tempo. Morre um monge superior, mas na mesma noite ele recebe uma visita dele, e o convite para ajudar a causa, a visita dos ETs, o relógio (mostra desequilíbrio no plano físico), a má influência de ambas entidades e a reconstrução da sociedade livre e utópica que somente é possível após a identificação da influência.*

*Seres superiores ao plano físico influenciam as pessoas que tem sincronismo de acordo com suas intenções (STS, STO). Quando ambas entidades forçam influências elas causam desequilíbrios no mundo e perda de livre arbítrio, o que as civilizações avançadas resistem com tecnologia que registra as influências e dá certeza aos agentes de agirem com melhor inteligência usando DARK MATTER.*

*Hendricks realiza missões (novo emprego, ritual de desmascaramento de shapeshifter) e é ferido mortalmente, quando deve escolher entre a ajuda espiritual ou o lógico. Epílogo maior, onde o demônio cruza a barreira e rouba comida do anjo. Ambos discutem com seus superiores por que precisam continuar ali. Conversa entre Deus e diabo, onde ambos jogam xadrez e as peças em seus lados.... Diabo com milhões de cabeças em estacas com olhos em fogo, e Deus com bilhões de diamantes puros refletindo uma luz azul.*

***A ÚLTIMA GUERRA***

***DE KARLGAN***

*Macro-Roteiro*

***Ponto Zero***

***A Arca***

*-Mike Karlgan (clone MK 3019) acorda em uma cadeira dentro do centro médico (desorientado), computador conversa com ele sobre o processo e ele vê seu número nas costas de sua mão direita. MK passa pelas partes da nave (inventar layout); MK ouve uma gravação sua (2932) perturbado, e um local da nave para ir... ele encontra os corpos mutiliados da equipe dentro das capsulas de sono criogênico. (2945) avisa para deixar os corpos ali, de forma que o próximo clone entenda melhor a situação. MK ouve uma projeção 3d sua (2946) onde ele diz que alterou o programa de recuperação de memória, pois afetava enormemente a sobrevivência... “eles vão utilizar tudo o que for para acabar com você Karlgan, protega sua mente e saiba distinguir as diferenças”*

*-MK encontra o último clone, que cometeu suicídio e escreveu em sangue na porta “Plano 387, única saída”.*

***Pós-apocalypse***

*Sociedade pós apocalíptica, Os anos de MK original como professor. As fronteiras elétricas, definição do “inimigo” (bruto, selvagem, visceral, monstruosidades de tamanho descomunal). Invasão em massa (os controladores), fuga pela arca, fim da humanidade na terra, órbita, decisão de curso, massacre na arca, Karlgan é o último;*

***Descida ao inferno***

*-MK 3019 lê o plano 387 - veículo, armas e localização do ponto zero; e unidade nuclear de explosão. Resta apenas dois veículos de oito; -MK 3013 fala que é preciso de uma defesa contra o ataque psíquico e que ele vai construir um capacete. MK 3013 meses depois se grava com um capacete e diz que falhou, que é impossível. -MK 3014 disse que limpou as entradas em desespero, pois elas trazem ainda mais sofrimento. Ele diz não ter coragem de seguir o plano.*

***Fim dos dias***

*MK 3019 enfrenta o ultimo adversário e morre;*

***MK #3020***

*-3020 ouve a ultima gravação de 3019 (5 anos buscando assinaturas mentais do inimigo, posterior suicídio) 3020 faz a restauração completa das memórias de MK; 3020 parte da lua para marte, a nova morada da humanidade.*

*~ Ponto Zero ~*

**NOS POUCOS INSTANTES** **QUE** Heath Maskow desligou seu carro no estacionamento onde ocupara seu carro por volta da mesma vaga nas últimas três décadas (sempre perto da grande árvore), ele teve segundas opiniões quanto a prosseguir com aquilo tudo. Aquela insegurança vinha com um novo e indesejado companheiro falante em sua cabeça, lhe enchendo palestras mentais que Maskow classificava como “porcarias não oficiais de seu intelecto”.

Um barulho um tanto nervoso de mãos revirando na parte de trás do veículo sobressaiu-se no silêncio exterior à sua mente em debate. Houve um audível *click*, e uma parte no meio do encosto do banco traseiro desceu. A cabeleira molhada de um jovem suado em seus vinte e poucos anos, surge como em um nascimento em versão couro preto. As lentes de seus olhos estavam embaçadas, fazendo Heath recuperar um sorriso observando o jornalista desastrado pelo retrovisor. Um outro *zipper* é encontrado, e o encosto abre-se por completo. O rapaz ajeitou-se no banco enquanto ofegava um pouco, e sem muitas cerimônias ligou um gravador fazendo o sinal positivo com sua mão direita.

“Onde exatamente estamos?”

“Já disse que não posso lhe dizer isso, garoto.” falou o velho com um cigarro aceso entre dois dedos com a maior paciência que conseguiu. “Por isso que você ficou nas últimas duas horas na merda do porta malas.”

Danson ignorou o último comentário com um piscar mais demorado e cansado de seus olhos atrás de óculos marrons. O matemático suspirou e colocou uma mão em sua testa, olhando para o cinto preto de sua calça.

“Isto foi uma péssima, péssima idéia garoto. Não sei como me convenceu disso, mas tenho de dar seu crédito.”

Newitt desligou e guardou seu gravador.

“Posso passar à frente por um pouco?”

Maskow passou seus olhos com indiferença ao jornalista enquanto conferia o estacionamento descoberto que era do tamanho de um pequeno shopping center, abrigando vários carros; a maioria deles com mais de quinze anos demonstrando entendimentos mútuos quanto em deixar as coisas como são. O pessoal sempre fora extremamente acomodado e fez Heath pensar com alguma novidade em seus olhos se todas aquelas coisas não eram muito coincidentes. Em seu carro, havia papéis de propaganda junto com restos de comida e até mesmo folhas de árvores e lama pelo chão do carona. No banco de trás, alguns sacos de supermercado cheios de lixo aguardavam sua data de soltura pacientemente.

Não tenho tempo para certas coisas pensou Maskow em uma mea culpa de rodapé mental.

“Por Deus, cara; não fique aí parado e me acenda um.” disse Newitt ansioso sentando-se ao lado dele. “Achei que nunca iria sair daquela mala... É melhor você ter uma história fodida de boa.”

“Fique agachado no chão, guri. Tem seguranças por todos os lados aqui.”

O velho lhe alcançou um cigarro aceso e depois de algumas baforadas o jornalista voltou ao seu tom de perguntas, ligando o gravador de novo. Não parecia incomodado em estar junto com todo aquele lixo no tapete.

“Ainda estamos no Canadá?”

“Olhe aqui garoto, não seja inconveniente.”

“Eu preciso perguntar. Onde está o seu prédio?”

“Estamos por cima dele.”

A mais de vinte metros de onde eles estavam, havia um elevado de mais ou menos um metro de altura, acessado por uma escada de pedra onde uma casa larga e aberta se evidenciava, com uma churrasqueira e muitas cadeiras distribuídas em mesas longas. Podiam-se ver longas janelas de correr por toda sua frente. Aos olhos do jornalista, parecia um condomínio florestal para recreação ao ar livre.

“A entrada é por ali. Atrás dos banheiros existem dois grandes elevadores e um acesso por escada.”

Um guarda saiu da sombra da casa, aparecendo ao sol e caminhando até o estacionamento. Desceu até o meio da escadinha de pedra e abanou para Manskow, que lhe retribuiu um aceno nervoso quase deixando cair seu cigarro nas calças enquanto o jornalista se escondia abaixando-se no banco.

“É da segurança. Reed. Gente boa.”

Heath abriu a porta com seu vidro já baixado e ligou o som de seu carro. Rolling Stones ecoou pelo estacionamento enquanto Reed conferia os arredores.

“Estamos em problemas?” perguntou baixo e nervoso o rapaz.

“Não, às vezes eu venho aqui para pensar. Acho que não teremos problemas.”

Um pequeno bip soou do bolso de Newitt.

“Meu GPS está maluco.”

Heath sentiu um impulso de levar suas mãos à cabeça, mas lembrou-se que o guarda ainda o via daquela distância.

“Desligue isso! Eles rastreiam essas porcarias!”

“Calma! Já desliguei. Não vá ter um ataque.”

O matemático girou seu banco para trás como se fosse pegar um pouco de sol em um último aceno à Reed. O guarda subiu a escada e voltou à sua guarita. Após respirar em um invólucro negro com um bocal e recuperando seu fôlego momentânea-mente, Maskow começou a falar junto com a música.

“Vamos logo com essa merda. Entrei para o complexo em 04, com mais ou menos trinta e seis. Sim, faça as contas e veja que tenho quase setenta. Eu e outros dois sócios conseguimos vencer uma concorrência sobre um algoritmo de software para pesquisa e classificação de dados astronômicos.”

“Trinta anos atrás?” perguntou o jovem do chão.

“Sim. Viemos para um local aqui perto, meia hora de carro daqui. Depois de seis meses, eles mudaram a política de prestação de serviço. Os outros caíram fora, mas eu aceitei o salário baixo em troca da estabilidade.”

Heath suspirou e completou o cenário ao jovem que já esboçava um pouco de impaciência.

“Minha vida pessoal era uma falência financeira total naquela época.” A mão direita de Heath tremia. Ele tossiu e então acariciou seu cabelo grisalho, em uma mania que já adquirira há muito tempo.

“Enfim... Nos primeiros meses, recebíamos malotes com dados vindos dos rádio telescópios que monitoravam o espaço. A quantidade de informação era... imensa. Em pouco tempo, não sabíamos mais o que fazer. Desistir não era definitivamente uma opção para mim.”

Danson parecia nervoso e frustrado. Maskow percebeu isso, mas continuou mesmo assim. Aquela era a sua história, de muita luta e poucas vitórias, e de inícios difíceis como qualquer cara recém casado com mais de sessenta prestações de sua casa o aguardando todo o mês.

“Depois de seis meses, resolvemos o problema.”

Heath tossiu mais três vezes seguidas. O repórter apertou com uma cara azeda o toco final de seu cigarro no chão sujo do carona, entre duas folhas verdes de árvore.

“Então você ainda não trabalhava aqui?”

“Depois da fórmula, somente eu vim para cá. O resto foi dispensado, com todas as indenizações pagas.”

A música foi terminando. Maskow falou em um tom baixíssimo enquanto a nova faixa não entrava.

“Tivemos um churrasco bem ali, e então me apresentaram um acordo para mais de dez anos, em um tipo de contratação diferente. Oferta única. O salário continuava a mesma merda, mas aceitei na hora. Se você visse o que fazíamos também aceitaria. Era uma loucura no meio de tantas possibilidades de coisas ainda a serem inventadas. Uma cachaça total.”

Mick Jagger começou a cantar Mixed Emotions.

“Depois algum tempo é que me dei conta que o que eles queriam eram pessoas dedicadas, e não motivadas por dinheiro. Veja, não se têm mais tantos desafios hoje em dia, e no mundo inteiro é só uma eterna competição para ver quem faz menos cagada.”

“Naquele dia estava junto com outros cinco homens. Usavam camisas ridículas havaianas de verão. Acho que eram suecos ou de algum país europeu. Só conhecia o meu chefe. Depois de beber muito mesmo e comer até quase passar mal, terminamos as piadas e o discurso mudou abruptamente. Todos levantaram e eu achei que era isso, que íamos embora. Para minha surpresa, me levaram até um elevador de carga na parte de trás da casa. O engraçado é que nunca imaginaria um elevador ali e comecei a rir, meio bêbado já pensando no que diria a minha mulher quando chegasse tropeçando em casa. Mas conforme os números diminuíam a coisa meio que perdeu toda a graça. Entramos todos ali com muito espaço sobrando. Burnswieler me entregou um grosso envelope pardo.”

Pude olhar o material por cima enquanto descíamos mais de vinte andares, e me pareceu sólido, com experimentos fotografados ao lado de gráficos de escalas. Se soubesse o que tinha em mãos teria olhado com mais cuidado e bebido bem menos uma hora antes. Das partes que vi, logo notei que era uma engenharia espacial.

“O que tinha lá em baixo?” perguntou Danson beirando uma angústia, limpando as lentes de seu óculos com a camisa.

“Um enorme silo nuclear, provavelmente uma herança de guerra de quase vinte metros de diâmetro, extensivamente modificado. De uma grossa janela, podíamos ver algo reluzente metálico girando em considerável velocidade. Não perguntei, mas me pareceu alguma liga de Mercúrio acionada por talvez micro explosões nucleares, girando um enorme rotor. Ele me falou em um grande sorriso que teríamos toda a energia que precisássemos por milênios. Em um console estava uma escala energética que representava o consumo de muitas cidades juntas por hora. Ele me disse que levaram cinqüenta anos e muitos silos para conseguirem resolver aquele problema que era o primeiro e mais primordial de todos.”

“E mostraram isso a você no primeiro dia?” disse o jovem quase incrédulo, com seus dedos passando pela frente de seu aparelho ortodôntico.

“Sim. Depois me disseram que estavam muito gratos ao que eu fizera e que eu teria resolvido um dos maiores problemas de todo o complexo, mapeamento otimizado de dados rádio estelares. Recebi um andar inteiro para usar de todos os recursos que eu pudesse na resolução de todos os outros problemas previstos no plano.”

“Então isto aqui é tudo uma ex-base militar?” perguntou mais animado o jornalista.

Heath desconsiderou o que Danson evidentemente estava em busca: uma notícia quente de conspiração para os seus ávidos leitores paranóicos. Maskow sentia a vida escoando de seu corpo velho, que acordava sempre com câimbras. Sua esposa já tinha morrido de problemas cardíacos e sobrara somente ele e aquele velho e imundo carro que um dia fora de Karen. Karen e seus grandes olhos e mãos quentes em seu rosto sempre a lhe dizer para divertir-se um pouco e viver ainda mais um pouco. Não conseguia se livrar daquele carro e sempre quando ia para o trabalho imaginava ela ao seu lado, retocando seus olhos no espelhinho e tocando em seu cabelo. Nos últimos dias sentia-se como nunca um velho tolo aguardando sua vaga no asilo ou uma arma com todas as balas no tambor. Precisava contar a sua história, antes que as palestras mentais que até agora eram controladas com antidepressivo tornassem discursos sem fim e as paredes de sua casa lhe parecessem uma coisa boa para se jogar, preferencialmente de cabeça. Já experimentara com sua mão, e a sensação de estar vivo depois de um pouco de dor vinha com uma bem vinda quentura e silêncio mental. Só depois de muito tempo e os roxos nas mãos Heath percebia que passara um pouco demais da conta.

O cientista continuou seu relato ignorando tudo o que passava por sua cabeça, precisou de tanta concentração que seus olhos fecharam e ele vislumbrou uma espécie de filme em suas idéias. Uma ótima técnica segundo seu último psicólogo.

“Pelo lado esquerdo tem uma pequena estrada. É por ali que os caminhões traziam os dados para nós de duas em duas semanas. E não eram mais em maletas; era algo mais parecido como grandes geladeiras. A rede de rádio percorre diversos locais específicos na Terra, registrando tudo que é emitido pelos planetas, estrelas, cometas, galáxias.”

“Ficávamos no quarto andar. Nos três andares de baixo ficavam os computadores para nossos cálculos e processamento de dados. Acho que ninguém no planeta tinha mais computadores que nós. Com toda aquela energia, podíamos sobrecarregar à vontade todos os microchips. Estes trinta anos passaram tão rápido que acho que acordei velho em uma noite para outra.”

Newitt acendeu outro cigarro, um pouco mais nervoso.

“Nosso programa conseguia identificar e reconhecer mudanças no espaço. Tínhamos mapeados milhões de objetos e procurávamos mudanças bruscas de deslocamento. Depois da técnica de mapeamento feita, tínhamos de buscar nos dados onde haviam deslocamentos estranhos provocados por matéria exótica. Acho que você deve saber o que são os buracos de minhoca – nós os chamamos de Whisps. Em vinte anos de dados, capturamos quatro localizações confirmadas de entrada e saída de matéria na galáxia. Asteróides sumiam de uma hora para outra sem radiação aparente. Nestes pontos mapeávamos estes vértices como suas bocas. Mas os filhos da mãe às vezes moviam vários parsecs de um mês para outro.”

“Buscávamos esses buracos em nossa galáxia que tendem a ser um tanto erráticos em seus movimentos conectando dois locais ao mesmo tempo. Isto fora a primeira parte do plano, feita nos primeiros dez anos. A dobra espacial era um efeito artificial dessa particularidade do nosso universo.”

Os olhos de Heath brilhavam. O trabalho de sua vida não era pouca coisa. Ele tinha certeza que um dia seu nome estaria em alguma enciclopédia galáctica escrita como nos livros de Asimov.

“Mas mesmo assim, tudo isso...”

O guarda saiu de sua guarita e entrou apressado dentro da casa dobrando pela esquina dos elevadores. Heath tirou seus óculos do bolso e conferiu mais uma vez o que estava acontecendo, franzindo seu rosto a uma linha na altura de seus olhos. E então o som do carro morreu, com faíscas saindo do console. Na grama do elevado, uma placa de metal com grama por cima virou em seu eixo horizontal, aparecendo uma lâmpada amarela que girava e piscava.

“O-Oh, Deus...” gaguejou Manskow.

Os alarmes de todos os carros, inclusive de Heath tocaram em uníssono. O velho ajeitou-se no banco e Danson endireitou-se no carona com seus olhos arregalados olhando para frente. Maskow em uma única paulada com sua mão arrancou o painel que insistia em faiscar, largando-o no chão sujo. Em seguida, todos os carros andaram meio metro para frente, puxados em um fenômeno magnético junto com um barulho de metal guinchando. Pneus estouraram e outros foram vazando como um chiado asmático. O pára-brisa do carro de Maskow espatifara e podia-se ver um aperto em toda a estrutura do carro, como se fosse esmagado com uma mão invisível de cima para baixo. Danson levou a mão em sua boca e notou seus dentes com próteses metálicas projetando-se de sua gengiva, rasgando a carne e sangrando bastante. Heath tinha um ar meio louco em seu semblante, e sua mão em volta de seu remédio para asma apertava-se em seu peito que arfava visivelmente. Os óculos de ambos estavam no chão, lentes rachadas.

“Precisamos ir embora!” urrou Newitt no meio de seus dedos que seguravam o sangue de sua boca, abrindo sua porta deformada com um chute.

O matemático sugou instintivamente seu remédio como em um acidente aéreo onde as máscaras caem em uma despressurização. Danson contornou o carro, e o ajudou a sair daquela caixa retorcida de metal. Agora os alarmes dos carros silenciavam e os dois ouviam suas fortes respirações no meio de toda a adrenalina em seus ouvidos. Eles foram caminhando erraticamente pelo estacionamento, tropeçando em seus pés que tremiam e vacilavam em meio a mais de quinze carros completamente estragados.

Danson rompeu o silêncio em um guincho louco.

“O QUE FOI... ISTO!”

“Eu.. não sei! O que houve com seu rosto?”

“M-Meu a-aparelho. Isso dói pra cacete!”

Após instantes de estupefação, ouviram gritos assustados junto com algo semelhante a um choro lamentoso. Prevendo a reação do velho, Danson gritou com Maskow colocando um dedo direto em seu rosto. Seus olhos eram de uma criança mimada e esfolada depois de uma surra.

“Por onde se sai desse inferno, velho fodido?”

Enquanto a mão de Heath fechava e tremia em um soco, ele só conseguia pensar que nunca tivera filhos por um destes casos do destino de ser estéril de nascença, mas se fosse o pai deste fraco em sua frente lhe arrebentaria o que restava de seus dentes na boca. Um grito forte que há muito em sua vida esperava para sair veio de sua boca.

“Suma da minha frente! S-seu covarde filho da puta, antes que eu cometa uma b-besteira.”

Já lhe faltando ar pela terceira vez naquele dia, Heath apontou a direção de onde tinha vindo e o rapaz lhe atirou um palavrão enquanto corria o máximo que podia pela estrada de terra batida. De onde estava, podia ver pequenas poças de sangue do rapaz no concreto do chão. Maskow acompanhou Danson com os olhos enquanto usava seu remédio mais uma vez, curvando-se com suas mãos nos joelhos e sentindo seu peito em brasa. Chorava de dor, até que seus brônquios finalmente cederam e o ar entrava mais facilmente em seu pulmão.

Voltou-se à casa do elevado e seu remédio caiu imediatamente de sua mão, em um reflexo involuntário de perplexidade.

Em sua frente, mais ou menos dez metros na frente da casa havia uma fenda visível no céu azul de mais de cinco andares acima da casa, em um semicírculo perfeito até o chão. Mesmo no sol daquela tarde, via o preto do espaço junto com o que lhe pareceu um enorme planeta laranja na parte inferior. Os gritos de Reed lhe fizeram dar o primeiro passo vacilante. Podia ver o homem deitado no chão e com uma mão levantada em sua direção. Reed tinha sido empalado por um pedaço de metal do telhado que caíra em cima dele. Com um pé no primeiro degrau da escadinha de pedra, Heath levantou os olhos e viu que o planeta acelerava em sua direção, e o espaço ia sumindo entre o que existia a milhares de anos luz e o céu azul bonito de maio. Sentiu seu almoço vir correndo até sua garganta e vacilou em um passo bêbado até o outro degrau. Olhou para seus pés e começou a sentir o puxão vindo do vórtice. Disparou em corrida para o guarda que abria e fechava a boca como um peixe fora da água. Em quatro passos rápidos alcançou a casa, e ali a pressão não era tão forte. Agachou-se no chão e segurou a mão de Reed.

“O b-botão na gu-guarita. E-Emergência!” balbuciou o homem cuspindo sangue no chão.

Heath espichou-se por ali sentindo o puxão de vento forte vindo de todos os lados. Pressionou um botão e um alto alarme sonoro soou, com dois silvos distintos repetitivos que lhe assustaram tanto que finalmente tropeçou estatelando-se no chão. O barulho de vento aumentou bastante, arrancando folhas de quase todas as árvores a cerca de duzentos metros dali. Os carros se moveram como se um ralo tivesse sido aberto e foram se acumulando todos em uma convergência esquisita. A grama do elevado se soltava e subia em tufos. Mais um pulso eletromagnético e os carros quase implodiram para dentro de si.

Segundos depois, onde Maskow conseguiu caminhar mais um pouco para dentro da casa, os carros voaram. Alguns acertaram a casa pelo lado esquerdo, outros tiraram pedaço do telhado. Um deles atingiu a guarita e quebrou-se ao meio. Arvores foram puxadas e desenraizadas por todos os lados. As folhas voavam e giravam em um espetáculo grotesco. Ele se protegeu junto à Reed, que estava em choque, sangue caindo do lado de sua boca em um filete.

“O carro de Karen está destruído” registrou Heath no meio de tanta informação classificada como alucinação por sua mente deslizando pela fronteira da loucura. Todo o prédio tremia, lhe fazendo tremer e bater os dentes, segurando-se no pilar de concreto ao seu lado.

Somente depois de muitos carros partirem para o outro lado da galáxia que Heath viu Newitt deixar de ser um ponto branco na estrada para se aproximar como um projétil balístico, debatendo-se e gritando o máximo que podia, sacudindo-se como um rato pego pelo rabo em uma experiência enquanto voava por cima da casa.

Danson, que nunca fora algo de destaque em sua cidade foi o primeiro humano a alcançar uma distância maior que o sistema Solar. Quando o jovem alcançou o espaço, seu grito cessou por imediato e grandes rachaduras por toda a sua pele lhe vergaram por todo o corpo, cedendo o que tinha dentro para fora. Todos os vasos sangüíneos de sua cabeça dilataram em uma morte instantânea. Sangue escapou da rachaduras da pele da forma peculiar com que líquidos funcionam no espaço e o corpo de Danson convulsionou duas vezes, ficando em uma semi-posição fetal, imediatamente congelando-se em uma estátua cinza de carne.

“Estamos salvos aqui por enquanto!” berrou Heath ao guarda que estava a poucos instantes de sua morte.

“Vou descer!” falou apertando o máximo que podia a mão de Reed, que fora um bom amigo casual nos últimos anos.

Antes de virar-se para os elevadores, Manskow olhou mais um pouco para o estacionamento que tornara-se algo de pesadelo em frente aos seus olhos míopes. Não havia nada mais ali, nem pedras muito menos concreto no chão, somente uma terra marrom escura escavada com uma força absurda. Rapidamente o escoamento louco da atmosfera avançava sobre a floresta ali em volta, que fez o cientista bater com sua mão na parede.

“Deus todo poderoso...” foi a única coisa que conseguiu dizer antes de entrar no elevador. Revelara-se um grande religioso segundo a última merda não oficial em sua cabeça.

Enquanto os gemidos do guarda iam cessando, os números do elevador diminuíam. Foram os trinta segundos que fizeram Heath recuperar um pouco de seu fôlego, enquanto ia perdendo a batalha mental em sua cabeça. Por mais estúpida que seja a cadeia de eventos que trouxeram o rapaz para o complexo, pensava ele ser responsável pela morte do garoto. O elevador abriu e ele entrou rápido. Aparentemente alguma coisa ainda funcionava. Com um tapa forte, apertou o numero vinte e oito e a porta se fechou junto com o último suspiro do guarda Reed neste mundo.

Dentro do elevador, a luz agora piscava vermelho junto com o barulho metálico do alarme sonoro. Suor lhe escorria as faces enquanto apertava seu remédio dentro de seu bolso.

*Heath encontra portas queimadas / carne queimada; -Seu colega aparece queimado / foi forçado por agentes a ligar o hipocampo, família sequestrada; O hipocampo funcionou, mas a energia requerida para fechar não funcionou, e o sistema travou / ele ligou autodestruição matou toda sua equipe (covarde). Heath vai até a sala / tudo queimado / planeta se aproxima / calcula coisas em sua cabeça / manda mensagem para centro espacial mais próximo, com dados secretos da pesquisa. Hipocampo estaciona e equilibra dentro do planeta; Heath morre intoxicado pelo gás atmosférico do planeta;*

***ANNIE***

***PARTE 1***

***1***

*Annie recebe um bolo comemorando uma venda difícil. Ela é uma mulher atlética, de cabelos ruivos. Ela tira mais uma foto de casa de um mural, e vai correr no almoço. Na sua corrida, ela pede ao marido diversas coisas de casa (ele está desempregado), mas não fala de sua vitória. Ela caminha por uma relojoaria, volta, manda entregar para presente em sua casa um relógio bacana. Ela entra em seu carro, coloca uma música de zen para relaxamento e então um marginal senta ao seu lado e manda ela dirigir. O ladrão, com uma arma, diz para ela ir até o centro - e Annie percebe que ele está drogado. Annie fica dizendo para ele a largar e os dois discutem, por que ele não sabe dirigir e ela vai pagar o que ele deve. Annie percebe que ele e ela estão sem cinto (ela fecha sua mão) e ela então joga o carro em um barranco, descendo e rolando lomba abaixo, tentando se segurar na direção. O homem morre com a cabeça estourada ao seu lado, mas Annie vai fechando os olhos até o escuro. E por lá ela ficou por muito tempo.*

***2***

*Annie percebe-se acordada, mas em um lugar vazio, sem forma e sem os seus sentidos, apenas desperta. Ela sente que um tempo muito longo passou, mas que recém despertou.*

*Ela recorda sua identidade com alguma dificuldade. Com um pouco de medo percebe de longe uma claridade avermelhada. Annie desloca-se (sem entender como se move) um pouco, mas sente uma barreira forte a impedindo. O tempo vai passando e a claridade vai diminuindo até ficar tudo escuro. Annie sente que algo aconteceu com ela, mas já faz tanto tempo que não lembra.*

***3***

*Annie entende que dormira mais uma vez, e que mais tempo passara. Do vazio, ela encontrou mais uma vez a claridade, mas agora um pouco mais leve e de uma cor mais amarelada. Ela foi até ali, e novamente não conseguiu ir adiante por causa de alguma barreira invisível. Tentou se lembrar de alguma coisa, mas era difícil. Estava em algo leve, disso tinha certeza, pois não sentia peso algum. Outra coisa parecia também lhe acometer: não tinha mais sua grande inimiga ansiedade, que segundo seus últimos três terapeutas era confundida com 'seu motorzinho' com o qual ela desempenhava maratonas no trabalho, exercícios em demasia e namorados emocionalmente e intelectualmente 'problemáticos' (para ela os consertar) - o que era uma desculpa para ocupar seu tempo e ver que era uma pessoa triste, pessimista, que morre de medo de tentar algo novo. 'Se reencontrar, Annie' diria o Dr. Fitzgerald (ou Mister Fritz quando lhe dava bronca).*

*Annie percebeu que aquele estado lhe deixava tranqüila. Ela esperou a pequena claridade sumir, mas desta vez ela simplesmente apagou de um momento a outro. Após este susto, ela percebeu que ouvia agora um barulho bem fino. Annie concentrou-se no som e tentou aumentá-lo. Foi então que ouviu passos ecoando, um barulho de corpo pesado sentando em uma poltrona muito perto e ouviu sua mãe dizer, de forma cansada e um tanto monótona:*

*'Ok, agora tenho de ir para casa, Annie. Nos vemos semana que vem.'.*

***4***

*Annie acorda novamente e deseja os sons novamente. Ela pensa se morreu ou não, e pelos barulhos entende que está em um hospital. Ela ouve um 'hora do banho, mocinha' e então percebe que está em coma, e pela maneira com que a enfermeira conta a sua vida (alguma bobagem familiar) ela está assim a muito tempo (na verdade 7 meses). Deseja não ouvir mais e volta ao vazio.*

***5***

*Annie percebe o tempo que passou, e que está desperta mais uma vez. Com certa apreensão, ela faz com que ela ouça de novo (Annie interpreta como desejo, mas na verdade funciona como um reflexo de pensamento, parecido como somar dois números chega a um resultado). Ela ouve os barulhos regulares e então ouve a voz um pouco distante de seu namorado falando sobre buscar coisas na lavanderia, e termina com um "beijo" - o que a deixa intrigada, mas que só pode estar falando com sua mãe, pois ele é um incompetente que precisa ser sempre lembrado.*

*Ela aguarda, e aguarda. E então, sente uma 'lufada' de calor, como um vento. Annie entende que ele simplesmente se levantou e foi embora. Desta vez o vazio é quem vai até ela e a engole - Annie não oferece resistências.*

***6***

*Annie desperta rápido, e a luz tênue é um tanto cinza. Ela sente outra lufada de calor, e desta vez mais intensa, embora não sinta seu corpo. Com o desejo de ouvir, ouve então respirações rítmicas (sexo). Ela ouve em pavor o que está acontecendo, e então, pela primeira vez grita 'socorro' dentro de onde está, mas nada acontece. De seus olhos físicos, uma lágrima resvala enquanto um enfermeiro se veste sem muita pressa. Annie então chega a conclusão de que está em coma, desperta, sem sentir nada e tem uma vida sexualmente ativa - Dr Fritz ficaria feliz.*

***7***

*Algum tempo passou, e Annie agora entende melhor o que acontece com ela. Annie desperta com um vento de calor que agora entende perfeitamente como sua mãe. Pela claridade da luz tênue ela entende que é de manhã, e a janela está aberta. Rapidamente, ela começa a ouvir os barulhos da rua. Sua mãe conta como foi seu dia, de como é difícil ser velha e sozinha, e Annie sente dentro de si uma enorme vontade de vê-la, e ela se agarra a esse turbilhão como se envolvesse em uma onda: finalmente pode sair de seus olhos e ver alguma coisa (o teto do quarto e um pouco da TV). Com muita gritaria por socorro, ela ouve o cotidiano terrível de sua mãe (Annie fica braba por que ela sofre demais por qualquer asneira) - mas o que ela se apavora é que sua mãe não vê que ela abriu os olhos e está acordada! Marie se aproxima, Annie sente a lufada de calor e diz "Você ainda está bela, meu amor." Annie grita 'EU ESTOU DE OLHOS ABERTOS SUA IDIOTA!". Ela ouve um beijo na testa e o calor vai embora. Estranhamente, sua visão turva e o vazio a pega de novo, sua consciência descendo como um ralo até seu subconsciente.*

***ANNIE***

***PARTE 2***

***8***

*Annie desperta no meio de seu banho. Ouve a voz da enfermeira dizendo que ora por ela (ela detalha alguns detalhes como cicatriz no abdômen e nas duas pernas) e que tem uma filha que morreu pela sua idade (maldita cidade (latrocínio)). Annie ouve o dia passar, reflete sobre o acidente, e quando sente de novo o forte calor de novo, ela não espera ouvir os gemidos (sexo forçado) e fecha-se por completo. Depois de muito tempo, ela percebe que está amanhecendo. Com quase nenhuma dificuldade, ela rompe a barreira dos olhos e pode ver a outra cama ao lado, pois sua cabeça foi deixada assim pelo 'amante'.*

*Annie tenta virar 'seu pescoço', pois gostaria de olhar pela janela. Nada acontece. Ela imagina que um olho se projeta de dentro de sua cabeça, e imagina virando este olho, e então, de forma lenta e perfeita, sua visão vai até o chão, girando. Ela se assusta, e sente-se de forma instantânea no vazio novamente. Frustrada, ela volta ao subconsciente.*

***9***

*Annie despertou agora no meio de uma sessão de fisioterapia. A profissional fala com seus alunos dizendo que ela sofrera um dano terrível em suas pernas, e que quando despertar, terá de ter muita força para voltar a andar.*

*Um aluno pergunta por que ela não desperta, e a fisioterapeuta diz que o coma é uma condição extremamente complexa e que não se sabe exatamente o por que de Annie ainda não despertar, já que todos os exames físicos e neurológicos estão positivos. "As vezes algumas pessoas levam anos para sair deste estado, mas é preciso ter fé. Os familiares conversam com eles, pois alguns pacientes apresentam melhoras e uns poucos lembram-se de alguma coisa.".*

*Todos eles cumprimentam Annie de forma alegre. Annie força sua visão e observa a turma. Um a um eles vão saindo, até que apenas uma moça morena está lá (de roupa anos 80), e olha diretamente em seu olho (e então rapidamente torna-se pálida, de olhos cinza e amarelos sobrenaturais) - dá uma risada, e atravessa a parede da televisão em sua frente. O registro de batimento cardíaco dela dá um disparo de 68 para 85, mas logo volta ao normal. Annie volta ao vazio em um reflexo.*

***10***

*Annie desperta mais uma vez, depois de um bom tempo (ela se lembra de ficar com medo e voltar ao vazio). Eventualmente ela se dá conta de que ela também é uma espécie de fantasma e que o mundo gira, a fila anda e vida que segue. E então ela sente um calor que ela registra familiar, e pelo pós-barba sabe que é seu namorado (como ela 'ativou' seu cheiro lhe é um mistério).*

*Annie olha para fora (agora com menos dificuldade) e o vê... Francis a observa sério, se levanta e fala para ela 'não posso mais ver você, Annie. Eu... me desculpe.' e ele dá um aperto em sua mão e se levanta. Annie percebe ele saindo do quarto. Ela sente em si um motor novo ligando-se, ela percebe sua visão ficar tremida, e como um reflexo mecânico de uma mola ela foi cada vez mais para a frente, e os lados de sua visão começaram a girar em um tom vermelho. Annie foi se espichando e espichando, e então sentiu um snapt e sua visão volta ao normal. Olha-se de relance no espelho e era um espectro cinza esfumaçado em uma cabeça como um balão e seus cabelos prata cintilantes. Francis estava se distanciando em passos rápidos. Andie tentou nadar e então viu suas mãos esqueléticas e fantasmagóricas surgirem. Em surpresa, ela esticou sua mão até Francis e como nada aconteceu, ela sentiu aquele seu motor diminuindo.... ela disse então 'Vamos até ele, droga.. Vamos!' E lentamente ela foi acelerando, e acelerando, e então fazendo as curvas até ele, passando pelo meio de cantos de paredes e portas.*

***11***

*Francis fica na rua, na frente do hospital. Annie circula ele e grita por seu nome, e ele não a atende. Annie sente seu corpo puxando e então ela agarra o pescoço de Francis com sua mão fantasmagórica. Ele se bate reclamando de picada de inseto e coloca a mão onde Annie o segura, que seus dedos etéreos começam a fluir um vermelho vivo. Francis entra em um taxi, e Annie vai junto com ele, sendo puxada. Ela percebe que sua forma cinza e transparente começa aos poucos a ficar mais sólida. Francis coça seu pescoço com um xingamento. Annie percebe seu cabelo ficando de prata para um marrom de terra. Ela se apavora, mas teme voltar ao seu corpo e ficar presa por lá - precisa tentar avisar ele de qualquer maneira.*

***12***

*Francis desce do táxi, e vai subindo as escadas - de forma cansada. Ele entra em seu apartamento, e então Annie vislumbra-se no espelho: seus cabelos de um marrom escuro, seus olhos verdes um ou dois tons mais escuros, e seu reflexo mostrou ela de roupa de hospital semi-transparente. Lembrou-se da outra moça e virou seu rosto. Francis jogou-se na cama, e Annie foi junto.*

*Os dois ficaram cara a cara. Annie começou a falar e depois a suplicar para que ele a ajudasse, que ela estava viva, e que pelo amor de Deus, precisa de ajuda. Francis então solta um suspiro longo, e diz "Acho que não agüento ir mais uma vez lá." Do banheiro, Annie ouve a torneira abrir e fechar rápido, e depois a porta do banheiro abre-se. Annie se vira e vê uma outra moça só de camisa verde (presente dela para Francis) e diz "Fran.... você disse que iria assinar os papéis..." Annie solta-se de seu marido e vai indo para trás, sentindo-se traída, e suas mãos vão se tornando esqueléticas e esvoaçantes. E então ela se vira e em um grito de raiva, ela conduz tudo que tinha de errado para sua mão (brilhando um vermelho e amarelo pulsante) e quebra o espelho, assustando os dois.*

*Annie sente o puxão de seu corpo, e abre seus braços, voltando e atravessando como um raio pela cidade até flutuar sobre sua cama. Annie olha seu corpo inchado e cheio de cicatrizes. Ela chora e cai dentro de si de novo para o vazio.*

***ANNIE***

***PARTE 3***

***13***

*Annie fica entre a pequena claridade e o vazio. Ela ouve passos e concentração ouve até o tick-tak do relógio. E então uma voz feminina, um pouco mais grave e arrastada, fala: "Você é diferente dos outros. O que você têm?". A falta de calor faz com que Annie entenda que era a moça fantasma. Annie entende que ela mesma é um fantasma e sai para fora, com metade do torso (com certa dificuldade) e diz "O que você esperava?" A moça diz que ela está viva ainda. Annie diz que ela é má por causa da sua aparência. A moça diz que Annie não sabe nem de si mesma, e Annie pede para ela se retirar.*

*A moça diz 'Você é engraçada." e atravessa a parede dando uma risada como se tivesse um tumor no pulmão e falasse por um orifício na garganta. Annie volta ao seu corpo. O tempo passa enquanto ela ouve a novela na TV entre o vazio e a claridade. Quando a TV é desligada, ela começa a ouvir os sussurros sexuais. Annie se abraça ao vazio melancolicamente.*

***14***

*O tempo no coma é diferente (ela nota pelos capítulos da TV), e depois de algum tempo, Annie consegue agora a arte de "pular". Enquanto a enfermeira termina o seu banho e a coloca de lado na cama, Annie projeta-se e vai até o corredor. Ela olha suas mãos e com o tempo vão derretendo. Annie entende que sua excursões fora de si tem um tempo (como ficar embaixo da água), e ela se concentrando consegue conter a desintegração cada vez melhor. Enquanto isso, uma mosca voa no rosto de seu corpo, e Annie ouve ao mesmo tempo os passos no corredor e o zunido da mosca subindo sua face, até seu olho. A mosca sobe até seus cílios e seu corpo responde de forma automática, abrindo um de seus olhos.*

*Annie se vê como um fantasma e ao mesmo tempo se vê na cama. Fortes dores acompanham ela, e então o fantasma some, enquanto a enfermeira ajeita ela na cama e fecha seus olhos.*

***15***

*Annie percebe-se mais uma vez na claridade atrás dos olhos, e pergunta-se o que aconteceu com aquela “versão dela”. A resposta então torna-se óbvia: desintegrou-se completamente. Annie assusta-se com o pensamento de morrer lá fora. Se lembra como as suas mãos iam derretendo, e de quanto tempo esteve fora quando se agarrou ao seu ex-namorada – e como teria sugado ele (mudanças).*

*“Eu sei que está aí!” diz a voz da moça fantasma. As duas discutem, Annie se assusta e percebe que a outra é ‘vampira’. Annie pergunta quanto tempo ela está / Annie magoa a outra dizendo que ela morreu.*

***16***

*Por um longo intervalo de tempo, Annie descobre (pelo relógio do quarto) que consegue ficar quinze minutos fora do seu corpo antes de se desintegrar por completo, além da gravidade que acontece se fica muito próxima do corpo. Outra coisa que notou: sua memória é ativa somente quando re-entra no seu corpo, do contrário não se lembra do que houve. Seu aspecto ‘limpo’ deve-se ao fato de estar viva, e compartilhar energia de seu próprio corpo.*

*Próximo lançamento...*

o método

***de Alan Parker***

PORTALS

BIOSUIT

PSIONS

NDE